

Eu vim para que todos tenham vida

Paulo Cezar Costa

1. Em Cristo, Deus se decidiu pelo ser humano

A reflexão bíblica do Novo Testamento, principalmente, Paulo e João, situa o primado de Cristo no plano da criação e da salvação. Em 1Cor 8, 5-6, Paulo diz: “...*existe um só Deus, o Pai de quem tudo procede (exhou ta panta) e para quem nós somos e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe (di`hou tà panta) e por quem nós somos...*”. O Filho é apresentado aqui como mediador da criação. O ser e o ser salvo não podem proceder de dois princípios distintos, mas de um único. Este papel de mediador não é realizado autonomamente por Cristo, mas na dependência daquele de quem tudo procede¹. Também no hino da epístola aos Colossenses (Col 1, 15-18) Cristo é apresentado como primogênito de toda a criação, porque Nele tudo foi criado e como causa da criação: tudo foi criado por Ele e para Ele. Franz Mussner comenta: “...*o mundo foi criado ‘para ele’, enquanto Cristo é a meta escondida e graciosa da criação e sua dinâmica, a causa finalis-sobrenatural de todo ser*”². Também o prólogo de João proclama a função mediadora do Logos na criação: *Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito* (Jo 1, 3). O mesmo Logos, mediador da criação, é aquele que trás luz e vida. Criação e redenção nesta perspectiva não se separam. Assim, nos

¹ J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Teologia da Criação*, Edições Loyola, São Paulo, 1989, p. 58-59.

² F. MUSSNER, “Criação em Cristo”, in *Mysterium Salutis*, II/2, Editora Vozes, Petrópolis, 1972, p. 53.

hinos pré-paulinos e no prólogo joaneu criação e salvação estão estreitamente ordenadas uma para a outra e isto, em Cristo, mediador da criação, que simultaneamente é aquele “para quem” o universo foi criado.

Se o Novo Testamento refletiu sobre este direcionamento intrínseco da criação para a salvação em Cristo, também a reflexão patrística e a teologia atual vêem esta ligação fundamental entre Cristologia e antropologia. Santo Irineu, no segundo século, dizia que *na encarnação do Verbo nós visualizamos aquele do qual fomos criado imagem*. K. Rahner diz que *após a Encarnação, a antropologia sempre se há de considerar como cristologia deficiente e a cristologia como fim e fundamento da antropologia, porque em Jesus se revelou historicamente e se encontra de modo inexcedível o que e quem é o homem. Em vista disso, é evidente que uma protologia adequada não é possível senão sob o aspecto escatológico, isto é, a partir de Cristo*³. Há uma relação profunda e intrínseca entre Cristologia e antropologia, pois o mistério do ser humano encontra a sua realização plena e definitiva no mistério do Verbo Encarnado.

2. A Encarnação do Verbo, caminho de vida e de realização do humano

Se a criação está intrinsecamente orientada para a Encarnação, na Encarnação do Verbo, o ser humano visualizou o seu caminho. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* no n. 22 afirma que o mistério do homem encontra o seu sentido no mistério do Verbo Encarnado: *Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado. Com efeito, Adão o primeiro homem era figura daquele que devia vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e do seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação*. Neste plano de realização, o ministério terreno de Jesus, sua vida, morte e ressurreição se tornam assim, paradigmático para o ser humano.

O Centro do ministério de Jesus foi anúncio do Reino de Deus. Neste anúncio, Jesus manifesta que a sua salvação atinge a pessoa humana na sua integralidade, manifesta que o Deus de Jesus Cristo é o Deus da vida. Esta opção pela vida na sua integralidade, Jesus a expressa na sinagoga de Nazaré, quando lendo o profeta Isaías, Ele proclama: *O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para Evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista,*

³ K. RAHNER, “Reflexões fundamentais sobre a antropologia e a protologia no conjunto da Teologia”, in *Mysterium Salutis*, II/2, Editora Vozes, Petrópolis, 1972, p. 17.

para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor [...]. Então começou a dizer: hoje se cumpriu aos vossos olhos essa passagem da Escritura (Lc 4, 18-21).

A menção de categorias muito concretas: pobres, presos, cegos, oprimidos, devia soar provocante para os ouvintes de Jesus e também para a comunidade de Lucas. Jesus se apresenta como profeta escatológico que inaugura o evento do tempo final, a libertação definitiva. O aspecto humano, histórico da libertação é evidente nas categorias de pessoas mencionadas, ainda que não possa ser reduzida a uma libertação puramente humana, sociológica. Esta realidade pode ser vislumbrada também, no cântico de salvação, no grito de júbilo de Lc 7, 22-23, expressão da consciência da salvação presente: *Ide contar a João o que estais vendo e ouvindo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho....*

Depois de cegos, coxos, leprosos, surdos, mortos, no ápice encontramos a evangelização dos pobres. A resposta de Jesus em Lc 7 e Lc 4 sublinham “e aos pobres é anunciado o Evangelho”, que só formalmente se encontra ao lado dos outros sinais; na realidade esta sintetiza todos. Temos uma escatologia cristologizada e então historicizada⁴. A boa nova aos pobres se conjuga em termos de libertação. Em Lc 4, duas vezes o termo *aphesis* (libertação/remissão). Em Levítico, 25,10, na versão dos LXX, com *entaautos apheseôs*, vem designado o ano jubilar, no qual os patrimônios são devolvidos e vinha dada a liberdade aos escravos. Jesus se apresenta como profeta escatológico que inaugura o ano jubilar, evento do tempo final, libertação definitiva. Esta libertação toca o ser humano na sua integralidade, na sua totalidade. A libertação trazida por Jesus não compreende somente os bens puramente espirituais e futuros, comporta também uma dimensão histórica. A atitude de Jesus, predita neste dito de Lucas na sinagoga de Nazaré, será a tônica de todo o ministério de Jesus, demonstrada em tantos outros momentos do seu ministério.

Nesta mesma linha, os milagres ou sinais realizados por Jesus evidenciam assim que iniciou o tempo da salvação messiânica, o reino de satanás é colocado em crise e se instaura o Reino de Deus. Eles manifestam a pessoa de Jesus mesmo, pois Nele ação e palavras não se separam. E este Reino é uma grande novidade que muda a fisionomia do velho mundo: o pecado com as suas conseqüências (doença, dor, sobretudo a morte) são verdadeiramente vencidos, porque a salvação de Deus está agindo no mundo. Esta salvação atinge o homem todo, não somente a sua alma, mas também o seu corpo, a

⁴ H. SCHURMANN, *Il vangelo di Luca. Parte prima*, Brescia, Paideia, 1983, p. 657.

sua concretude histórica assinalada pela doença e pelo sofrimento. E atinge de modo especial os fracos, os doentes, os marginalizados da sociedade (leprosos, endemoniados, etc.)⁵. Os milagres não são tanto provas [extrínsecas] da vinda do Reino, mas um dos modos pelo qual o Reino mesmo se faz presente. «Os milagres, portanto, falam a mesma linguagem da sua proclamação verbal: o Reino de Deus está aqui»⁶.

3. Jesus diante da impureza que excluía a pessoa humana

Na sociedade em que Jesus viveu, determinados objetos, ações, pessoas, animais, eram tidos como capazes de contaminar o ser humano que se colocava em contato com eles, impedindo a comunhão com o a divindade, por isso, a necessidade de submeter-se a diversos ritos de purificação mediante a água (lavar-se, aspersão, imersão), ou mediante sacrifício. A esfera na qual Jesus mostra a própria liberdade é primariamente aquela do relacionamento com as pessoas [só indiretamente aquela dos objetos e dos animais].

Destas pessoas vêm documentadas seis categorias diversas: os leprosos (Lv 13,45-46); as mulheres com fluxo de sangue; os cadáveres; os pagãos; os publicanos e as prostitutas. Para cada um destes casos, os evangelhos mostram a inobservância de Jesus destas prescrições, que contaminam com a impureza somente no tocar.

Os leprosos: segundo a Lei mosaica, a lepra era uma impureza contagiosa, por isso o leproso era excluído da comunidade até a sua purificação. Diz o Levítico: *O leproso portador desta enfermidade trará suas vestes rasgadas e seus cabelos desgrenhados; cobrirá o bigode e clamará: impuro! Impuro! Enquanto durar a sua enfermidade, ficará impuro e, estando impuro, morará à parte: sua habitação será fora do acampamento* (Lv 13, 45-46). Um Israelita observante da Lei não entraria em contato com um leproso por temor de contrair a impureza. A Lei proibia tocar numa pessoa impura (Lv 5, 5), pois o contato transmitia a impureza (Nm 5, 2)⁷. Os evangelhos narram dois encontros de Jesus com leprosos, nos quais ele os toca (Mc 1,40-45; Lc 17,12-14).

Mulher que sofria fluxos de sangue: entrar em contato com uma mulher que sofria fluxos de sangue tornava impura a pessoa que entrasse em contato com ela (Lv 25, 25-27; Ez 36, 17). Esta situação colocava a mulher

⁵ M. SERENTHÀ, “Misteri di Cristo”, in *Dizionario Teologico Interdisciplinar*. Suplemento, Marietti 1978,18.

⁶ B. L. BLACKBURN, *The Miracles of Jesus*, 373; G. BARBAGLIO, *Il regno di Dio e Gesù di Nazaret*, p. 111.

⁷ J. MATEOS & F. CAMACHO, *O Evangelho de Mateus*, Edições Paulinas, São Paulo 1993, 89.

num estado constante de impureza religiosa, impedindo-a de entrar no santuário, de participar das festas religiosas, por exemplo, da festa da Páscoa. A excluía mesmo da vida social⁸. Os Evangelhos neste caso narram o encontro de Jesus com a hemorroíssa (Mc 5,25-34 // Mt 9,20-22 // Lc 8, 43-48).

Os cadáveres: O contato com um cadáver tornava a pessoa impura. Os Evangelhos narram ao menos dois casos: a filha de Jairo (Mc 5,35-43 // Mt 9,18-19.23-25 // Lc 8,49-55); e o filho da viúva de Naim (Lc 7,11-15).

Os publicanos e pecadores: (Lv 19, 29; Dt 23, 18-19). O material nesta temática é abundante: refeição de Jesus com os pecadores (Mt 9,9-13 // Mc 2,13-17 // Lc 5,27-32)⁹. Jesus ao dividir a mesa dos pecadores, ele os associa indiretamente à mesa escatológica da graça, da qual ele mesmo é o portador. Os fariseus murmuravam: *“Porque come o vosso mestre com os publicanos e pecadores?”* (Mt 9, 11 // Mc 2, 16 // Lc 5, 30). O comportamento de Jesus aqui tem um colorido judaico - palestinese típico: a polêmica com os pecadores se refere indubitavelmente ao Jesus terreno. A posição de Jesus é daquele que se preocupa mais com o transgressor que com a transgressão, mais com o pecador que com o pecado: *Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes [...] Não vim para chamar os justos, mas os pecadores* (Mt 9,12-13 // Mc 2,17 // Lc 5, 31-32). Este é o habitual comportamento de Jesus com relação a todos que são assinalados pela sociedade como marcados pela infâmia ritual ou moral. O pecador não é mais considerado como excluído do âmbito da salvação, mas convidado ao Reino de Deus mediante a oferta antecipada do perdão.

Os pagãos: (A.Z. 1,1; 4,9); há o encontro com a mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30; Mt 15,21-28) e aquele com o centurião de Cafarnaum (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10; Jo 4,46-53), etc. Outros casos lêem-se ainda em Mt 11,19; Lc 7,34.

Jesus se manifesta como um homem livre, que vai contra a corrente e contra o sectarismo. Jesus se manifesta contra aquelas atitudes que humilham a pessoa humana e mortificam a sua dignidade (Lc 19,9 sobre Zaqueu: «também ele não é Filho de Abraão?»). A preferência pelos impuros e pecadores diz que Jesus é portador da misericórdia de Deus para eles. Jesus age em nome de Deus e por conta de Deus mesmo; ele encarna em si mesmo a misericórdia e o amor de Deus para aqueles que são necessitados. A redação

⁸ R. PESCH, *Il vangelo di Marco*, I, 476.

⁹ G. ROSSÉ, *Il vangelo di Lucas. Commento esegetico e teológico*, Città Nuova Editrice, 1995, 186 comenta: Che Gesù abbia mangiato in casa di Levi, figlio di Alfeo, nome di certo non inventato, assieme ad altri dello stesso mestiere, è piu che probabile; che Gesù inoltre avesse l'abitudine di frequentare questi ambienti e che tale comportamento abbia suscitato il rimprovero dei benpensanti è storicamente certo.

lucana das parábolas da misericórdia (Lc 15,4-32: a ovelha desgarrada, a dracma, o filho pródigo, todos os três perdidos e reencontrados) colocará em luz, próprio esta realidade. Jesus as conta para justificar-se diante dos fariseus e escribas, que murmuram escandalizados ao ver que ele «acolhe os pecadores e come com eles» (15,1-2): mas é próprio no seu comportamento que Deus mesmo se revela como aquele que vai ao encontro de quem é necessitado.

A tradição conservou dois outros casos de oposição de Jesus a duas prescrições referentes a coisas materiais. Um diz respeito ao *corban* [aquilo que é oferecido], segundo o qual qualquer coisa oferecida a Deus assumia aspecto de sacralidade e por isso, não podia ser usada profanamente. O preceito de Nm 30, 3 diz: *Se um homem fizer um voto a Iahweh ou se obrigar por juramento a uma promessa formal, não violará a sua palavra: tudo aquilo que sair da sua boca, executará.* Jesus trata de um caso muito concreto, aquele da omissão dos deveres filiais na assistência aos genitores, cumpridas em nome do *corban* (Mc 7,8-13 // Mt 15, 3-9). Jesus recorda que Moisés, como legislador, tinha dado no decálogo a obrigação de honrar pai e mãe. Como segunda disposição de Moisés vem citada a ameaça da pena de morte para quem desonrar pai e mãe (Ex 21, 17; Cf. Lv 20,9; Dt 27,6). De acordo com a tradição judaica, a honra devida aos pais incluía também o dever de cuidar do seu sustento. Evidentemente, Jesus não se opõe à *Tôrah*, mas se confronta com a *halaká*, interpretada por Jesus como tradição humana, em contraste com o preceito de Deus. O comportamento de Jesus deve ser tido no mínimo, como perturbador¹⁰.

As prescrições levíticas sobre a pureza no judaísmo apontavam uma série de coisas relacionadas com o externo que tornam impura a pessoa humana: objetos, alimentos, animais, situações, etc. Daí a necessidade de purificações expiatórias que restauravam este estado que se tinha perdido mediante o contato com o impuro. Jesus contrapõe a esta realidade. A sua posição se restringe a uma frase: *Não há nada de fora do homem que entrando neste o possa contaminar, mas são as coisas que saem do homem que o contaminam* (Mc 7,15// Mt 15,11). Jesus reconduz o discurso sobre a pureza para além das prescrições legais e o coloca no interno da pessoa humana e nas suas raízes éticas, como que dizendo que só o pecado pode contaminar.

Jesus observa, como normal, muitos costumes que não tem um fundamento bíblico. Um convite a não observância da lei não se encontra nunca na boca de Jesus. Não há dúvida, que Jesus se comporta com total liberdade

¹⁰ R. PESCH, *Il vangelo di Marco*, I, 581-584; J. GNILKA, *El Evangelio segun san Marcos*, I, 328-330.

diante da *Torah* e da *halaká*. Jesus reivindica uma autoridade que o coloca acima da lei. Ele sabe ser mensageiro de Deus e do seu designo escatológico, não da lei. Jesus convida Israel a acolher o Reino de Deus. Isto supõe da sua parte uma especial experiência de Deus e da concepção da sua realeza. A lei era destinada a ser superada mediante uma nova irrupção do senhorio de Deus. A consciência deste inaudito superamento (Mc 1,15): «o tempo se cumpriu...»; Mt 21,31: «Os publicanos e as prostitutas vos precederão no reino de Deus», caracteriza de maneira típica o ministério de Jesus.

4. O Deus de Jesus Cristo, Deus do Amor e da vida

O ministério de Jesus nos revela uma concepção nova de Deus, nos revela Deus como Senhor, mas porque é Senhor, pode servir. Este Deus só pode ser aquele que João define como Amor: *Deus é amor* (1Jo 4, 8. 16), aquele que é amor em si e porque o é em si, é amor também para nós¹¹. Se Deus pode se manifestar na história de Jesus Cristo como amor que se auto-comunica, é porque ele é em si mesmo este amor¹². Aquele que sendo mistério de amor, é mistério de comunhão, de doação eterna na geração do Filho e na processão do Pneuma, e que na história manifesta este amor. Esta concepção de Deus nos revela que o ser humano deve ser um para o outro. Pessoa no mistério de Deus Amor é relação. Por pessoa se designa as relações subsistentes em Deus: O Pai, O Filho e o Espírito Santo. Para os padres Gregos e latinos, pessoa ou *hypóstasis* em Deus se diz então relações, ser voltado para o outro. Pessoa em Deus é diálogo. O símbolo de Toledo de 9 de novembro de 675 usa o conceito de pessoa igual à relação, como modo adequado de falar da Trindade. Por isso, pessoa em teologia trinitária foi definida como *relacio subsistens* (relação subsistente). São as relações que constituem o Pai, o Filho e o Espírito Santo como pessoas singulares e ao mesmo tempo une sua comum participação na dignidade de uma única natureza divina. Chama-se relação subsistente, porque *esta existe e subsiste próprio com as relações*. A sua realidade reside neste seu ser pessoa-relação e não substância. Deste modo, se pode atribuir plena realidade as três pessoas trinitárias sem diminuir a plenitude de sua comunhão e a única natureza divina. O Filho, por exemplo, não é uma substância ao lado daquela do Pai, mas é totalmente “ser do Pai” e “ser voltado para o Pai”. Ele subsiste nesta relação

¹¹ JÜNGEL, *Dio, mistero del mondo*, Brescia, Queriniana, 1982, p. 427 diz: “Dio é amore [...] Dio è [...] l’evento irraggiante dell’amore stesso. [...] Dio há se stesso donandosi. Ma così, donandosi, si há. Così è. Il suo aversi è l’evento, è la storia di un donarsi. [...] Come questa storia egli è Dio, anzi questa storia dell’amore è Dio stesso”.

¹² W. KASPER, *Gesù il Cristo*, Brescia, Queriniana, 1996, p. 256.

com o Pai. Mesmo sendo um com o Pai na natureza, é, porém distinto do Pai enquanto é Filho e não Pai. Em Deus, o termo pessoa revela toda a sua originalidade: *esta não é solidão, mas relação subsistente*. A primeira pessoa não gera o Filho como se o ato de gerar se acrescentasse à pessoa pronta, na verdade ela é o ato de gerar, de entregar-se e de emanar. Ela é idêntica ao ato de se entregar. Ela não é o doador, mas o ato de doar. Ela só é pessoa com esse ato. Assim, aquele que pode ser todo - relação na história, é porque na Trindade eterna, é todo relação, todo dom. Assim, descobre-se a relação como um modo de ser original e equivalente do real¹³. O ser humano, criado a imagem de Deus amor, é o ser da relação por excelência. Ele é assim, criado para ser dom na história. A pessoa humana se realiza então, na sua capacidade de ser para o outro, de ser doação.

Toda a criação e a história da salvação será história deste serviço de amor gratuito e generoso de Deus ao ser humano. Um Deus-amor que se manifesta próximo do ser humano, convidando-o em Jesus Cristo e no dom do Espírito a uma comunhão profunda de vida com Ele. É preciso redescobrir esta imagem de Deus como Amor infinito, cuja onipotência é aquela do amor, não aquela do poder do mundo. Um Deus que se manifesta na humildade; humildade que se conjuga com o sofrimento do Amor.

A Igreja, comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo deve ser a comunidade do amor e do serviço. Aquele que veio para servir e não para ser servido, curar, reconciliar, aquele que foi de modo excepcional o bom samaritano, vivenciou na história, aquilo que ele é na Trindade eterna, dom, relação. Jesus era o homem para os outros, assim deve ser a Igreja, ser a comunidade para os outros¹⁴.

Conclusão

Jesus foi comprometido com a vida na sua integralidade. Desde a proclamação na sinagoga de Nazaré até a sua atitude diante de todas aquelas pessoas que a sociedade judaica via como marcadas pela infâmia ritual e por isso, eram excluídas da vida social normal e também religiosa. Em Jesus de Nazaré a religião não é motivo de opressão do ser humano, mas de sua libertação. Jesus vai contra tudo aquilo que oprime a dignidade da pessoa humana. A salvação que ele trás atinge o ser humano na sua totalidade. A partir do

¹³ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, São Paulo, Edições Loyola, 2005, p. 137; W. KASPER, *Il Dio di Gesù Cristo*, Brescia, Queriniana, 1994, 411 diz: “Le tre persone trinitarie sono pura relazionalità; sono relazioni in cui l’única essenza di Dio sussiste in tre modi diversi e inconfondibili. Esse sono relazioni sussistenti”.

¹⁴ R. CARDINAL CUSHING, *The servant church*, 6.



ministério de Jesus, a opção do cristianismo na fidelidade a Jesus, deverá ser pela vida na sua integralidade. Jesus vai contra tudo aquilo que oprime a dignidade da pessoa humana. A sua salvação atinge o ser humano integral. Num mundo desumano, frio, tecnológico, o segmento de Jesus deve ser humanizante e deve comprometer com a humanização. Em Jesus, Deus se revela como aquele que é pelo humano. Um Deus que manifesta na humildade, humildade que se conjuga com o amor.

Paulo Cezar Costa

Reitor do Seminário Paulo VI

Sacerdote da Diocese de Valença

Diretor e Professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana da Roma